

A ação missionária dos jesuítas no Japão: Análise das cartas enviadas à Europa entre os anos de 1549 e 1580

Vinicius Belasco Rafaeli viniciusbelasco@hotmail.com

Cezar de Alencar Arnaut de Toledo (Orientador) caatoledo@uem.br

Área e subárea CNPq: Educação; Fundamentos da Educação

Palavras-chave: Companhia de Jesus, Jesuítas, Japão

Resumo

O presente trabalho apresenta as relações estabelecidas entre os membros da companhia de Jesus e comerciantes e nobres japoneses, por meio da perspectiva dos membros ativos da companhia de Jesus que escreveram vastamente sobre o período. Dentro de um contexto de expansão da fé católica e o desenvolvimento de uma guerra civil no Japão. Por meio dessa análise é possível identificar os obstáculos e os sucessos dos missionários, da missão. As relações entre os governos e a igreja se destacaram na medida em que comerciantes mostravam preferências por aportar onde os membros da igreja tivessem permissão para atuar, assim como a ativa cobrança dos missionários pela aparição de navios comerciantes nos territórios de interesse catequético, e, por parte da nobreza japonesa existia o interesse nas mercadorias que disponibilizadas pelos viajantes portugueses. O período delimitado foi de 1549 a 1580. A análise se centrou nas cartas enviadas à Europa pelos missionários jesuítas.

Introdução

Durante o final do século XVI e início do XVII os portugueses expandiam sua influência pelo mundo. Sua expansão no início da era moderna viabilizou o contato com o Japão e a China durante a segunda metade do século XVI. Apesar disso os lusitanos ainda encontraram resistência para estabelecer seus postos de comércio ao longo da costa chinesa. O primeiro posto de comércio foi estabelecido no lugar que posteriormente seria chamado de Macao, o acordo semioficial entre Leonel de Souza, navegador português, com as autoridades locais permitiu, em 1554, o estabelecimento de um posto comercial que manteve trocas bastante lucrativas com o mercado japonês. A rota da seda Macao-Kyushu se tornou um verdadeiro Eldorado para os portugueses. Em um primeiro

momento o comércio poderia ser feito por qualquer mercador, contanto que tivesse um barco, carga e um piloto capacitado para levar a carga até o arquipélago, contudo não tardou que dom Pedro Mascarenhas (1470-1555), vice-rei de Goa na época estabelecesse monopólio dessa rede comercial. Um capitão-mor recebia o privilégio de ser o único a navegar com carga por essa região e essa atitude diminuiu a quantidade de navios que saíam do porto de Macao anualmente, reduzindo as viagens de até quatro navios de uma única vez para um ou dois por ano (BOXER, 1967).

O estabelecimento dessa rota comercial permitiu o primeiro contato dos japoneses com os produtos europeus, o principal deles era a arma de fogo. Em um período de combates frequentes era natural que os senhores feudais do Japão mostrassem interesse pelas armas estrangeiras, da mesma forma, os portugueses mostraram interesse nas espadas japonesas, porém rapidamente os artesãos japoneses aprenderam a replicar as armas estrangeiras e a produção interna dos mosquetes atendeu satisfatoriamente às necessidades regionais (BOXER, 1967). A manutenção dessa rota comercial se deu graças à seda chinesa e ao interesse da aristocracia japonesa nesses itens. Os artesãos japoneses não conseguiam alcançar o mesmo nível de qualidade da produção feita no continente, assim a prata era uma boa moeda de troca pelos tecidos. (COOPER, 1972).

O comércio realizado pelos portugueses tinha influência direta sobre a atividade dos jesuítas por todo o Japão. Desde os primórdios da missão no Japão com a chegada de Francisco Xavier (1506-1552) em 1549, os daimyo identificaram que a presença dos membros da Companhia em suas terras aumentava a chance da presença dos navios portugueses em seus portos. Shimazu Takahisa (1514-1571) e Otomo Yoshikage (1530-1587) receberam Xavier em seus territórios, não por simpatia às ideias cristãs, mas porque conseguiram identificar essa ligação entre os missionários da Companhia e os comerciantes portugueses. Durante os anos de 1550 a 1560 a missão no Japão não conheceu grandes avanços. A falha de Gaspar Vilela (1526-1572) em 1558 nos territórios de Matsuura fez com que a missão daquela região fosse interrompida por pelo menos cinco anos. A missão teve melhoras quando o irmão Luis de Almeida (1525-1583) foi enviado para o oeste de Kyuushu, ao território de Ômura Sumitada (1533-1587). A região se mostrou promissora para uma missão, os jesuítas conseguiram a presença de diversos comerciantes portugueses ao território de Yokoseura, em compensação, Sumitada permitiu a pregação da religião cristã em seu território. Em 1563 Ômura Sumitada foi batizado com nome de Bartolomeu e conseguiu o título de Daimyo (ELISONAS, 2008).

Apesar da aceitação de alguns senhores em seus territórios são vários os relatos de perseguição feita pelos membros da companhia. O próprio visitador Alexandre Valignano (1539-1606) apontou como um dos motivos pelo qual não deveria ser enviado um bispo à região do Japão. De acordo com o visitador, numa carta escrita em 1580, não havia lugar naquela terra que fosse seguro pela grande quantidade de levantes. Contudo, os

jesuítas encontraram um território em que receberam forte apoio do senhor local, a região de Funai controlada por Ôtomo Sörin foi um verdadeiro porto seguro para os jesuítas durante o governo desse senhor. Durante todo o período em que estiveram no território japonês, os jesuítas mantiveram seus superiores informados dos acontecimentos. Esses registros são hoje importantes fontes para o estudo dessa presença naquela região.

Materiais e métodos

A metodologia desse projeto consiste em uma análise histórica das cartas enviadas do Japão pelos membros da companhia de Jesus. A escrita de cartas foi a maneira pela qual a Companhia de Jesus se manteve unificada, mesmo que espalhada pelo mundo, os membros da Companhia tinham que enviar nessas cartas informações, relatórios e crônicas da missão. Todas as mensagens escritas tinham como objetivo identificar possíveis formas de investimentos para a coroa portuguesa, assim como edificar as missões, assim, a busca do ensinamento cristão está presente em todos os momentos da escrita. Os membros da companhia deveriam ter a consciência de que seus textos seriam lidos por muitos, era importante também separar o que era produzido para edificar do que era escrito para descrever a complexidade cotidiana vivida. (TORRES-LONDOÑO, 2002). O trabalho com essas fontes é importante para identificar a rede de relações que foi estabelecida pelos membros da companhia de Jesus que atuaram no extremo oriente. Foram analisadas as cartas enviadas do Japão entre 1549 e 1580.

Resultados e discussão

As cartas compiladas por Manuel de Lyra em 1598 nos trazem uma quantidade bastante grande de informações sobre a atividade missionária no Japão. Nelas é possível identificar a trajetória de padres e irmãos da Companhia que se dedicaram à missão japonesa, dentre eles Luís de Fróis (1532-1597) que deixou mais registros. Apesar de toda a informação, as fontes não apresentam de forma clara os métodos utilizados pelos membros da Companhia para o aprendizado da língua nipônica, também não apresenta como era feita a catequização de novos membros da religião cristã. No entanto, elas nos apontam para as relações comerciais, os encontros culturais e a visão de mundo desses missionários.

As fontes possibilitam também levantar questões sobre o infanticídio na sociedade japonesa, bastante citado e criticado pelos membros da Companhia de Jesus que escreveram largamente sobre isso. Ou como a atividade religiosa cristã influenciou o hibridismo cultural existente na sociedade japonesa.

Conclusão

A atividade da Companhia de Jesus esteve durante os cem anos de atuação missionária intimamente ligada à atividade mercantil portuguesa, entretanto as formas de cristianização afetaram o cotidiano da população de forma ativa. Os chamados milagres realizados por Francisco Xavier, e igualmente a atividade hospitalar exercida por ele manteve a presença dos missionários naquele território, mesmo que escassa. A influência não foi apenas na forma religiosa de pensar. A introdução das armas de fogo no contexto de guerra e o envio de armas tradicionais japonesas aos membros da administração da coroa portuguesa mostra um processo complexo de extensas trocas culturais.

Por fim é importante frisar que a dificuldade da atuação nos primeiros anos de missão se deu por dois fatores: o primeiro foi a dificuldade da língua que, apesar dos tradutores e membros da Companhia que se dedicaram ao seu estudo, ainda foi um grande empecilho ao progresso da missão. E o segundo foi o contexto político em que o Japão se encontrava, com seus territórios fragmentados e governo descentralizado. As dificuldades no trabalho missionário se agravaram ao ponto de os jesuítas serem expulsos em 1634.

Agradecimento

Agradeço a CNPq pelo suporte dado com a bolsa de estudos fornecida, e ao meu Orientador Cezar de Alencar Arnaut de Toledo pelo apoio durante o decorrer da pesquisa.

Referências

BOXER, C. R. **The Christian century in Japan, 1549-1650**, Berkeley: University of California Press, 1951(1957 reprinting).

COOPER, M. The Mechanics of the Macao-Nagasaki Silk Trade. **Monumenta Nipponica**, Tóquio: Sophia University, v. 27, n. 4, p. 423-433, 1972. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2383821> Acesso em: 27 dez. 2015.

ELISONAS, J. Christianity and the daimyo. In: HALL, J. W. **The Cambridge history of Japan**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 301-372.

MANUEL DE LYRA (Ed.), **Cartas que os padres e irmãos da Companhia de Iesus efcreuerão dos Reynos de Iapão & China aos da mefma Companhia da India & Europa des do anno de 1549 até o de 1580**. Primeiro Tomo. Évora, Manuel de Lyra, 1598.

TORRES-LONDOÑO, F. Escrevendo cartas: Jesuítas, escrita e missão no século XVI. **Revista de História**. São Paulo: Anpuh, v. 22, n. 43, p. 11-32, 2002.